

Edição

Nº 31
CR\$ 4,00

MARAVILHOSA


CLÁSSICOS
ILUSTRADOS

Romances, Clássicos, Universais, Em Quadrinhos, Recomendados Para Maiores de 12 Anos, Idade

JOSÉ de ALENCAR

DESENHOS de
ANDRÉ LE BLANC

Iracema



A Vida de JOANA D'ARC

em quadrinhos, tão
pedida pelos leitores
da "Edição Maravi-
lhosa", vem publica-
da no "Album Gigan-
te" n.º 21, à venda
nos jornaleiros. Tôda
a história do filme
condensada em
desenhos.

EDIÇÃO MARAVILHOSA

NÚMERO 31

JANEIRO-1951

CONQUANTO se intitule "**Edição Maravilhosa**" e tenha como sub-título "**Clássicos Ilustrados**", é preciso que os nossos leitores não se esqueçam que somos apenas uma revista, de preço infimo, mas de grande tiragem. Falamos assim, porque leitores há que confundem revista com livro. E esquecem que, qualquer dos romances que publicamos condensado e desenhado, resumido e mastigado, em seu tamanho, formato e tipo original custaria no mínimo dez vezes o preço de uma "**Edição Maravilhosa**". E pelo preço de um romance, graças ao nosso sistema, o leitor, compra dez romances!



O grande universo da época de Colombo é hoje um mundo só, e, por sinal pequeno. A vida moderna não permite a leitura dos calhamoços. A dificuldade da condução, hoje, aos sacolejos nos ônibus e lotações ou trens superlotados; o rádio a martelar os sambas e novelas; o cinema e a televisão a nos dar últimas novidades da Coréia — tudo isso é razão para que as histórias em quadrinhos vençam o campo do jornalismo e torne um "homem do seu tempo" aquele que nos lê...



A primeira série da "**Edição Maravilhosa**" foi de 24 volumes, em formato menor que o atual, iniciada com "**Os Três Mosqueteiros**", de Alexandre Dumas, e terminada com o "**Guarani**", de José de Alencar. O sucesso foi enorme. "Nunca se vendeu tanto em tão pouco tempo por preço tão barato"... — comentou o nosso gerente ao diretor.



A 2.ª série, iniciada com "**A Máscara de Ferro**", de Alexandre Dumas, tem sido acerbamente criticada. Os leitores

pedem mais romances de ação que filosofia... Contra "**Alice no País das Maravilhas**", por exemplo, Sérgio Fração, de São Luiz do Maranhão, investe com todas as armas, considerando essa obra prima da literatura inglesa como "uma narrativa mediocre, imprópria às mentalidades elevadas dos leitores". Considera-a "infantil", e, entretanto, pede que publiquemos "**Tarzan, o Filho das Selvas**", que, decididamente não é clássico, mas bastante infantil...



Vamos, porém, atender a gregos e troianos. Mas os nossos leitores e colecionadores devem se comprometer conosco a não "estriilar" quando lhe "impingirmos" numa "**Edição Maravilhosa**" um livro acima da mentalidade comum... Não faz mal nenhum, de quando em vez, ficar-se mais culto, lendo-se, embora não se o entenda, um livro que milhões de outros já leram e talvez, também, não entenderam...



De Vitor Hugo, este ano teremos "**Os Miseráveis**", "**Os Trabalhadores do Mar**" e "**O Homem Que Ri**". De Alexandre Dumas, "**Tulipa Negra**". De Charles Dickens, "**Grandes Esperanças**". De Júlio Verne, "**A Volta ao Mundo em 80 Dias**". De Robert Louis Stevenson, "**O Médico e o Monstro**". De Eugene O. SUE, "**Mistérios de Paris**". De Mary W. Shelley, "**Frankenstein**". De Edward Everett Hale, "**O Homem Sem Pátria**". De Mark Twain, "**Tom Sawyer**". De Benvenuto Cellini, o grande artista italiano, a sua auto-biografia romanceada e aventurosa, e, por fim, "**A Mansão das Sete Águas Furtadas**".

Ainda de José de Alencar, estamos preparando "**O Tronco do Ipê**", em desenhos de André Le Blanc.



EDIÇÃO MARAVILHOSA (Clássicos Ilustrados) — Publicação de propriedade da Editora Brasil-América Limitada, especializada em livros e revistas para Crianças, Moças e Rapazes. Direção de Adolfo Aizen. Escritório, Redação e Oficinas à Rua Abílio, 302 (São Januário). Telefone 48-6391, Rio de Janeiro. Edifício próprio. Outras publicações da mesma empresa: "**Superman**", "**O Idílio**", "**Mindinho**", "**O Herói**" e "**Album Gigante**". Direitos adquiridos a "**Classics Illustrated**", The Gilberton World Wide Publications - U.S.A.

Quem foi JOSÉ de ALENCAR



José Martiniano de Alencar, mais conhecido pelo nome de José de Alencar, nasceu no Ceará no dia 1 de janeiro de 1829. Tinha 17 anos quando em 1846 se matriculou na Faculdade de Direito de S. Paulo, para tomar, como tomou, o grau de bacharel, tendo ido, porém, em 1848 concluir os seus estudos jurídicos e formar-se na escola de Olinda, em Pernambuco.

Em S. Paulo começou a manifestar o seu talento literário, publicando vários artigos num periódico intitulado "Ensaio", redigido pelos estudantes da Faculdade, que apareceu em S. Paulo nos anos de 1846 a 1848.

Em 1851 concluiu Alencar o seu curso, e veio logo para o Rio de Janeiro, entregando-se então com mais desafio aos trabalhos literários. Estreou-se na capital do Império escrevendo no "Correio Mercantil" um artigo de crítica acerca das "Poesias" de Augusto Zaluar. Nesse mesmo ano, como que para mostrar que as suas preocupações literárias o não desviavam de estudos mais áridos, escreveu alguns artigos sobre a reforma hipotecária, e em seguida começou a escrever, sempre no "Correio Mercantil", umas revistas semanais, intituladas: "Ao correr da pena", e assinadas com a sigla "Al".

Em julho de 1855 saiu da redação do "Correio Mercantil", e passou a colaborar no "Jornal do Comércio", onde escreveu, entre outros artigos, um a respeito de Thalberg, outro a respeito do "Otelo", e outro acerca do padre Mont'Alverne. Em outubro de 1855 assumiu a direção do "Diário do Rio de Janeiro", que conservou até 1858.

Em 1856 publicou o seu primeiro folheto, que devia ser seguido por tamanho número de volumes. Esse folheto intitulava-se: "Cartas sobre a confederação dos Tamoios", e era uma coleção de folhetins que haviam sido publicados no "Diário do Rio de Janeiro", e em que se fazia a crítica do célebre poema de Gonçalves Dias.

Em 1857, finalmente, saía o "Guarani", o famoso romance brasileiro, que produziu um verdadeiro entusiasmo, e que deu a José de Alencar os fóros merecidíssimos de primeiro romancista brasileiro. Alguns críticos rabujentos notavam que aqueles índios de José de Alencar eram "plus beaux que nature", que eram uns índios ideais, muito diversos das criaturas porcas, rebaixadas e deprimidas que representam na atual civilização brasileira o elemento indígena. Esses críticos porém esqueciam-se de uma coisa: de que os índios atuais não são os índios que vivem livremente na floresta, na plenitude da sua força e da sua independência, e também de que, se os guaranis de Alencar são pelo menos índios de exceção, índios de exceção eram também de certo aquele suave Uncas, o último dos moicanos, e o pensativo Chingachgook, que viviam em tão santa harmonia com

o Longa Carabina, aquele Nataniel Bempo, personagem querido de Fennimore Cooper.

Mas os protestos, se os houve, desapareceram no meio do coro uníssono dos aplausos. O Brasil tinha finalmente uma literatura sua, bem sua, romances que se não modelavam pelas formas velhas e gastas dos romances europeus. A América do Sul tinha enfim o seu Cooper.

Peri, Isabel, Alvaro, Aires Gomes foram personagens que ficaram para sempre gravados no espírito do público brasileiro, e, para mais se consagrar a glória do "Guarani"* até o grande maestro brasileiro Carlos Gomes escolheu este famoso romance para dele extrair o "libretto" da sua ópera o "Guarani", que é a obra prima da música brasileira, e uma das mais notáveis óperas do nosso tempo, hoje com fama universal, e representada com aplauso em todos os teatros do mundo.

O que, porém, sobretudo se apreciava no "Guarani", e a esse respeito não havia diversidade de opiniões, era a beleza incomparável do estilo, a magnificência das descrições da natureza.

Ao mesmo tempo tentava José de Alencar o teatro, e, depois de fazer representar uma comédia de valor secundário "Verso e reverso", dava ao teatro a sua obra prima, também uma das obras primas do teatro brasileiro, "O Demônio familiar". É esta comédia um magnífico estudo dos costumes brasileiros, e foi decerto um profundo golpe vibrado à escravidão, porque o seu entrelheço se cifra principalmente na demonstração da influência nefasta do "moleque" na família brasileira. O "Demônio familiar" é esse moleque, elemento permanente de discórdia e desmoralização.

O "Guarani" e o "Demônio familiar" bastavam para assegurar a glória de um escritor; mas José de Alencar foi sempre consumido por uma sede insaciável de escrever. Trabalhava com uma rapidez tal que isso prejudicava muitas vezes o acabado das suas obras, e impedia-o de lhes fazer atingir a perfeição, a que poderiam, aliás, ter chegado tanto quanto isso é possível a obras humanas.

Citemos ainda dois dos seus melhores romances: o "Gaúcho" e "Iracema". O caráter do gaúcho, que adora a sua égua "Morena", que o entende, que lhe fala e que o escuta, está traçado com uma rara perfeição. "Iracema" é sobretudo um romancinho adoravelmente escrito. Nunca o estilo de Alencar atingiu tão delicada suavidade. Exala-se de cada período como que o perfume das flores com que se elabora o mel das suaves palavras.

As "Minas de prata" passam por ser um dos seus menos bons romances; encerra contudo algumas cenas primorosas. Queixam-se os paulistas de que as paisagens da sua província descritas no "Til", são perfeitamente fantasistas; "Ubirajara", "A pata da gazela", "O tronco do ipê", se não aumentaram a reputação do grande romancista, não a prejudicaram também. O "Sertanejo", muito criticado por alguns, parece-nos contudo um dos seus bons romances. As paisagens que êle descreve são as paisagens da província

* "O Guarani", em quadras, foi publicado na "Edição Maravilhosa" n.º 24

Iracema

JOSÉ de ALENCAR

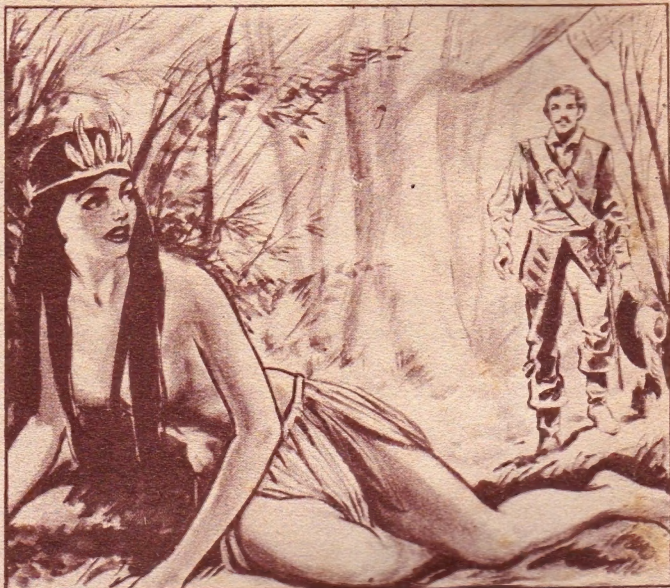
Desenhos de ANDRÉ LE BLANC

Além, muito além daquela sen-
ra, que ainda azula no horizonte,
nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios
de mel, que tinha os cabelos
mais negros que a asa da
graúna e mais longos que
seu talhe de palmeira.

Mais rápida que a ema
selvagem, a morena vir-
gem corria o sertão e as
matas do Ipu, onde cam-
peava sua guerreira tribo,
da grande nação Tabajara.
O pé gracil e nu, mal roçando,
alisava apenas a verde pelú-
cia que vestia a terra, com
as primeiras águas...

Um dia, ao pino do sol ela repousava em um claro da floresta. Iracema saiu do banho: o aljofar da água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se. Diante dela e todo a contemplá-la está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta...



Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embida no arco partiu...



Gôtas de sangue borbulham na face do desconhecido. De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu...



José de Alencar IRACEMA

A virgem lançou de si o arco e correu para o guerreiro, sentido da mágica que causara... A mão que rápida fletira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava...



Depois, Iracema quebrou a flecha homicida; deu a a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada...



Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Onde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.



Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos Tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Arakén, pai de Iracema.



O estrangeiro seguiu a virgem através da floresta. Quando o sol descambava sobre a crista dos montes, e a rãla desatava do fundo da mata os primeiros arrulhos, eles descobriram no vale a grande taba; e mais longe, pendurada no rochedo, a sombra dos altos joazeiros, a cabana do pajé. O ancião estava à porta, sentado na esteira de carnaúba, meditando os sagrados ritos de Tupã...

O pajé lobrigou os dois vultos que avançavam. Conheceu Iracema e viu que a seguia um jovem guerreiro, de estranha raça e longes terras...

As tribos tabajaras, de além Ibiapaba, falavam de uma raça de guerreiros, alvos como flores de borrasca e vindos de remota plaga às margens do Mearim. O ancião pensou que fôsse um guerreiro semelhante. Tranquilo esperou...

Assim dizendo, o pajé levantou-se e conduziu o estrangeiro para o interior da cabana. Iracema acendeu o fogo da hospitalidade e apanhou provisões para satisfazer a fome e a sede do recém-vindo. Depois a virgem trouxe a iguaça com água fresca para lavar o rosto e as mãos do hóspede. Quando o estrangeiro acabou, o velho pajé apagou o cachimbo e disse:

Ele veio, pai.

É Tupã que traz o hóspede à cabana de Arakén.

Bem-vindo sejas. O estrangeiro é senhor na cabana de Arakén. Os tabajaras têm mil guerreiros para defendê-lo e mulheres sem conta para servi-lo. Manda e todos te obedecerão.

Eu te agradeço o agasalho que me deste. Logo que o sol nascer deixarei tua cabana e teus campos aonde vim perdido; mas não devo deixá-los sem dizer-te quem é o guerreiro que fizeste amigo.

Foi a Tupã que o pajé serviu; êle te trouxe, êle te levará. Arakén nada fez pelo hóspede; não pergunta de onde vem e quando vai. Se queres dormir, deçam sobre ti os sonhos alegres; se queres falar, Arakén te escuta.

Sou dos guerreiros brancos, que levantaram a taba nas margens do Jaguaribe, perto do mar. Meu nome é Martin, que na tua língua quer dizer filho de guerreiro.

Meus destroçados companheiros voltaram por mar às margens do Paraíba, de onde vieram. Só eu fiquei, porque estava entre os Pitiguaras do Acaracú, na cabana do bravo Poti, que plantou comigo a árvore da amizade. Há três sóis partimos para a caça e perdido vim aos campos dos Tabajaras.



A canã piou, além, na extrema do vale. Caía a noite. Iracema voltava com as mulheres chamadas para servir o estrangeiro...

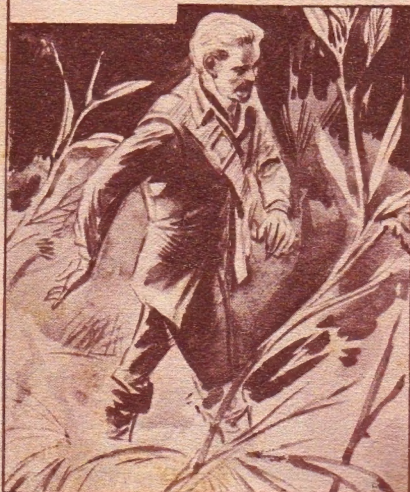
Guerreiro branco, as mais belas mulheres da grande taba ficam contigo. Que os bons sonhos te embalem a noite.

E tu me deixas?

Iracema não pôde ser tua serva. É ela que guarda o segredo da jurema e o mistério do sonho. Sua mão fabrica para o pajé a bebida de Tupã.



O guerreiro cristão atravessou a cabana e sumiu-se na treva. Olhou o céu azul sem nuvens. A estrela morta, que então brilhava sobre a cúpula da floresta, guiou seu passo firme para as frescas margens do rio das garças. Quando ele transmontou o vale e ia penetrar na mata, surgiu o vulto de Iracema...



Ela o seguiu como a brisa sutil que resvala sem murmurar por entre a ramagem...

Por que o estrangeiro abandona a cabana hospedeira sem levar o presente de volta? Quem fez mal ao guerreiro branco, na terra dos Tabajaras?



Ninguém fez mal a teu hóspede, filha de Arakén. Era o desejo de ver seus amigos que o afastava dos campos dos Tabajaras. Não levava o presente da volta, mas leva em sua alma a lembrança de Iracema.



Se a lembrança de Iracema estivesse na alma do estrangeiro, ela não o deixaria partir. O vento não leva a areia da várzea, quando a areia bebe a água da chuva. Se tens que ir, espera que Caubi volte da caça. O irmão de Iracema tem o ouvido que presente a boicininga entre a mata; e o olhar do oitibo, que vê nas trevas. Ele te guiará.



Mortim voltou à cabana. A alva rede, que Iracema perfumara com a resina do benjoim, guardava-lhe um sono calmo e doce. O cristão adormeceu, ouvindo suspirar entre os murmúrios da floresta o canto maviado da virgem dos Tabajaras.



Entretanto o maior chefe da nação tabajara, Irapuá, descera do alto do sítio do Ibiapaba, para levar as tribos do sertão contra o inimigo potiguara. Ainda a sombra cobre a terra, quando o barão retrôa pela amplitude do vale. Travam dos armos os rápidos guerreiros, e correm ao campo. Na vasta ocaria circular, Irapuá solta o grito de guerra...

Tupã deu à nação tabajara a guarda das serras e dos ipus onde cresce a maniva e o algodão. Ao bárbaro potiguara deu as areias do mar e as secas terras sem florestas. Já os emboabas ameaçam nossos campos, aliados aos fracos potiguaras. Faremos como a pomba, que se encolhe em seu ninho quando a serpente se enroscava pelos galhos?

O irado chefe brande o tacape e o arre-messa no meio do campo. Traa e retrôa a pomba da guerra. O mais moço dos guerreiros levanta do chão a arma e, por sua vez, a brandiu. Girando no ar, o tacape do chefe passa de mão em mão como símbolo de guerra...

Mas o velho Andira, irmão do pajé, deixou tombar no chão o tacape do chefe e calcou-o com o pé ágil ainda, e disse: Pasmam todos do voto de paz demonstrado pelo velho guerreiro...

O velho Andira bebeu mais sangue na guerra, do que já beberam caim nas festas de Tupã, todos quantos guerreiros alumia agora a luz de seus olhos. A nação tabajara deve encostar o tacape da luta para tanger o mambi da festa. Que venham os emboabas e Andira vos promete o banquete da vitória.

Fica tu escondido entre as iguabas de vinho, velho morcego, que temes a luz do dia e só bebes o sangue da vítima que dorme! Irapuá leva a guerra no punho de seu tacape!

Martim vai a passo e passo por entre os altos joazeiros que cercam a cabana do pajé. Era o tempo em que o doce aracati chega do mar, e derrama a deliciosa frescura pelo árido sertão. O cristão contempla o ocaso do sol, cuja sombra penetra sua alma. Lembra-se do lugar onde nasceu, dos entes queridos que ali deixou. Iracema aproximou-se...

A presença de Iracema perturba a serenidade no rosto do estrangeiro?

Não, filha de Arakén, tua presença alegre como a luz da manhã. Foi a lembrança da pátria que trouxe a saudade ao coração pressago.

Uma noiva te espera?

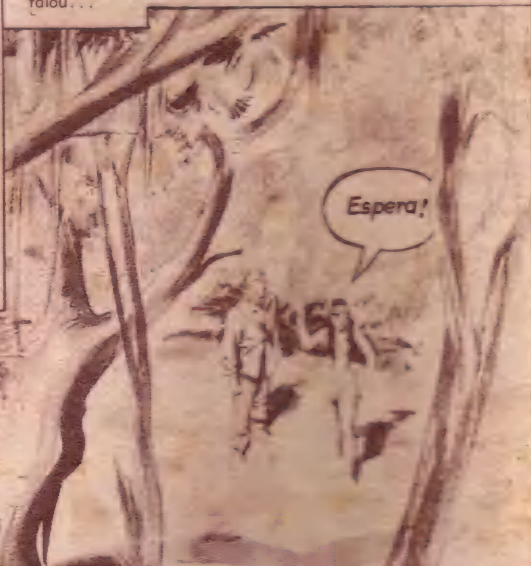
Ela não é mais doce do que Iracema, a virgem dos lábios de mel, nem mais formosa.



A alegria voltará logo à alma do guerreiro branco.. Iracema quer que ele veja, antes da noite, a noiva que o espera. Vem!



Martim sorriu do ingênuo desejo da filha do pajé. Atravessaram o bosque e desceram ao vale. Onde morria a falda da colina o arvoredo era basto. Antes de penetrar no recôndito sítio, a virgem que conduzia o guerreiro pela mão, hesitou, inclinando o ouvido sutil aos suspiros da brisa. Iracema fez um gesto e falou...



Espera!



Logo depois desapareceu no mais sombrio do bosque. Era de Jurema o bosque sagrado. Em torno corriam os troncos rugosos do amore de Tupã; dos galhos pendiam, ocultos pela noite escura, os vasos do sacrifício. Vestiam a chão as cinzas de extinto fogo, que servia à festa da última lua...

Ele olhou para a suspenso no viso da menina, e já noite profunda enchia o visível solitário.



Quando a virgem tornou, trazia numa fôlha gotas de verde e estranho licôr vazados da igacoba, que ela tirara do seio da terra. Apresentou ao guerreiro o taça agreste.



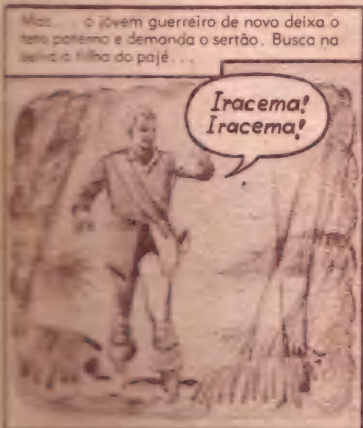
Bebe!



Martim sentiu perpassar nos olhos o sono da morte, porém logo o luz inundou-lhe os seios da alma. Reviveu os dias passados melhor do que os tinha vivido. Ei-lo que volta à terra natal, abraça a velha mãe, revê mais linda e terno o anjo puro dos amôres infantis.



Mas... o jovem guerreiro de novo deixa o terno paterno e demanda o sertão. Busca na vendia filha do pajé.



**Iracema!
Iracema!**

A virgem reclinou-se ao peito do guerreiro e ficou ali trêmula e palpitante como a tímida perdiz, quando o terno companheiro lhe arrufa com o bico a macia penugem...



Súbito a virgem tremeu; soltando-se rápida do braço que a cingia, travou do arco...



Passou entre as árvores, silencioso como uma sombra; seu olhar cintilante coava entre as fôlhas, qual frouxo raio de estrélas. Ela escutava o silêncio profundo da noite e aspirava as auras sutis que aflavam. Parou. Uma sombra resvalava entre as ramas e nas folhas crepitava um passo ligeiro, se não era o roer de algum inseto. A pouco e pouco o tênue rumor foi crescendo e a sombra avultou...

Era um guerreiro. De um salto a virgem estava em face dele, trêmula de susto e mais de cólera...

Anhangá turbou sem dúvida o sono de Irapuã, que a trouxe perdido ao bosque da jurema, onde nenhum guerreiro penetra contra a vontade de Arakén!

Não foi Anhangá, mas a lembrança de Iracema, que turbou o sono do primeiro guerreiro Tabajara. Irapuã desceu do seu ninho de água para seguir na varzea, a garça do rio.



E rugindo de sanha o chefe tabajara avançou de olhos fixos na virgem...

As vozes da taba contaram ao ouvido do chefe que um estrangeiro era vindo à cabana de Arakén...



A virgem estremeceu. O guerreiro cravou nela o olhar abrasado...

O coração aqui, no peito de Irapuã, ficou tigre. Veio farejando a presa. O estrangeiro está no bosque e Iracema o acompanhava. Quero beber-lhe o sangue todo!



O guerreiro branco é hóspede de Arakén. A paz o trouxe aos campos do Ipú, a paz o guarda. Quem ofender o estrangeiro, ofende o pajé.



A raiva de Irapuã só ouve agora o grito de vingança. O estrangeiro vai morrer!



A virgem retraiu dum salto o avanço que tomara e refesou o arco...

A filha de Arakén não teme o chefe dos guerreiros. Se Irapuã avançar para o estrangeiro, Irapuã avançará para a morte!



O chefe cerrou ainda o punho do formidável tacape, mas pela vez primeira sentiu que êle lhe pesava no braço robusto. O golpe que devia ferir Iracema, ainda não alçado, já lhe transpassava, a êle próprio, o coração. Conheceu quanto o varão forte é, pela sua mesma fortaleza, mais cativo das grandes paixões...

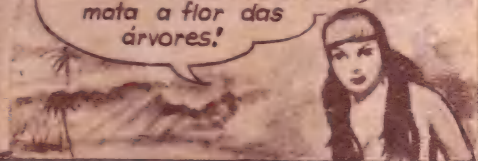
A sombra de Iracema não esconderá sempre o estrangeiro à vingança de Irapuã. Vil é o guerreiro que se deixa proteger por uma mulher!



Dizendo estas palavras, o chefe desapareceu entre as árvores. A virgem, sempre alerta, voltou para o cristão adormecido e velou o resto da noite o seu lado...

As emoções recentes, que agitaram sua alma, a abriram ainda mais à doce afeição que iam filtrando nela os olhos do estrangeiro. Desejava abrigá-lo contra todo o perigo, recolhê-lo em si como em um asilo impenetrável. Mas quando passou a alegria de o ver salvo dos perigos da noite, entrou-lhe mais viva a inquietação, com a lembrança dos novos perigos que iam surgir. E a virgem suspirou, retirando-se lentamente...

O amor de Iracema é como o vento das areais: mata a flor das árvores!



A alvorada abriu o dia e os olhos do guerreiro branco. A luz da manhã dissipou os sonhos da noite, e arrancou de sua alma a lembrança do que sonhara. Não sabia onde estava.

A saída do bosque sagrado encontrou Iracema reclinada num tronco áspero do arvoredor. Tinha os olhos no chão; o sangue lhe fugira das faces; o sangue lhe tremia nos lábios, como gota de orvalho nas folhas do bambu...

As flores da mata já abriram aos raios do sol; as aves já cantaram. Porque só Iracema curva a fronte e emudece?



A filha do pajé estremeceu. Assim estremece a verde palma, quando a haste frágil foi abalada...

O guerreiro Caubi vai chegar a raba de seus irmãos. O estrangeiro poderá partir com o sol que vem nascendo.



A juruti, quando a árvore seca, foge do ninho em que nasceu. Nunca mais a alegria voltará ao seio de Iracema. Ela vai ficar como o tronco nú, sem ramos, nem sombras.



Teu hóspede fica, virgem dos olhos negros. Ele fica para ver abrir em tuas faces a flor da alegria e para sorver como o colibri o mel dos teus lábios.

A jovem olhou Martim com tristeza...

Iracema guarda o segredo da jurema. O guerreiro que possuísse a virgem de Tupã morreria. O mel dos lábios de Iracema é como o favo que a abelha fabrica no tronco da andiroba; tem na doçura o veneno.



Reboa longe na selva um clamor estranho. São gritos de alegria de Caubi, irmão de Iracema, anunciando sua chegada aos campos dos tabajaras. Martim e Iracema caminham de volta como dois jovens cervos que ao pôr do sol atravessam a capoeira recolhendo ao aprisco...

O estrangeiro entrou só na cabana do pajé. Deixaria os campos dos tabajaras. A verdade falada pela boca de Iracema assim o ordenara...

O hóspede é senhor na cabana de Arakén. Todos os caminhos estão abertos para ele. Tupã o leve a taba dos seus. Se o estrangeiro precisa de guia, o guerreiro Caubi, senhor do caminho, o acompanhará.



O pajé troca com o seu hóspede a fumaça da despedida. Vieram Caubi e Iracema. O velho cerrou as pálpebras. O sono voltou aos olhos do pajé...

Iracema colheu sua alva rêde de algodão com franjas de penas, e acomodou-a dentro do uru de palha trançada. Martim esperava na porta da cabana. A virgem veio a êle...

Guerreiro que levas o sono de meus olhos, leva minha rêde também. Quando nela dormires, falem em tua alma os sonhos de Iracema.

Tua rêde, virgem dos tabajaras será minha companheira no deserto; venha embora o vento frio da noite, ela guardará para o estrangeiro o calor e o perfume do seio de Iracema.



O dia vai ficar triste. A sombra caminha para a noite. E tempo de partir.



O mancebo tomou as suas armas e dispôs-se a partir. Adiante seguiu Caubi, a alguma distância o estrangeiro, logo após Iracema. Desceram a colina e entraram na mata sombria. O seio da filha de Arakén arfou, como o esto da vago que se franja de espuma e soluça...

Estrangeiro, toma o último sorriso de Iracema e fuge!



A boca do guerreiro pousou na boca mimosa da virgem. Ficaram ambos assim unidos como dois frutos gêmeos do araxá, que saíram do seio da mesma flor.

Na cabana silenciosa, medita o velho pajé. Em sua frente está Iracema. Os grandes olhos da virgem estão rasos de pranto. O sol remontou a umbría das serras. Uma ave noturna desatou o estríduo. O velho ergueu a fronte estremunhado; mas a virgem compreendeu a origem daquele sinal...

Foi o canto da inhuma que acordou o ouvido de Arakén?



É o grito de guerra do guerreiro Caubi!

Quando o segundo pio da inhumã ressoou, Iracema corria na mata como uma corça perseguida pelo caçador. Só respirou ao encontrar Martim. Estava tranqüilamente sentado em uma sapopema, olhando o que se passava ali. Contra, cem guerreiros tabajaras, com Irapuã à frente, formavam arco. Caubi os afrontava a todos...



A filha do pajé dirigiu-se a Martim. Irapuã soltou o bramido da onça atacada na fumaça...

Vem. Arakén protegerá o estrangeiro. Se tu não vens, Iracema morrerá contigo!



Martim ergueu-se, mas longe de seguir a virgem, caminhou direito a Irapuã...

Os guerreiros de meu sangue, chefe, jamais recusaram combate. Se aquele que tu vês não foi o primeiro a provocá-lo, é porque seus pais lhe ensinaram a não derramar sangue na terra hospedeira.



José de Alencar **IRACEMA**



De repente o rouco som da inúbia reboou pela mata. Os filhos da serra estremeçeram, reconhecendo o estrídulo do búzio guerreiro dos Pitiguaras, senhores das praias ensombradas de coqueiros...



Os guerreiros precipitaram-se, levando por diante o chefe. Com o estrangeiro só ficou a filha de Arakén...



Mas... na grande taba não há inimigos. As matas e campos próximos também não mostram vestígios dos Pitiguaras. Irapuá sente a raiva do lógro...

Iracema soprou o búzio dos comedores de camarões para salvar o estrangeiro!



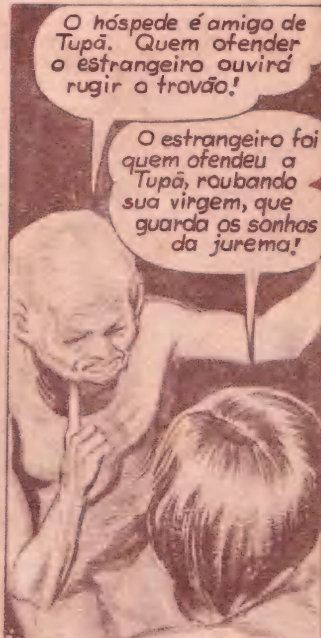
...e caminhou direito à cabana do pagé. Como trota o guará pela orla da mata, quando vai seguindo o rasto da presa escápula, assim estugava o passo o sanhudo guerreiro...

Arakén viu entrar o grande chefe da nação tabajara e não se moveu. Sentado na rede, com as pernas cruzadas, escutava Iracema. A virgem referia os sucessos da tarde...



Arakén, a vingança dos tabajaras espera o guerreiro branco. Irapuã veio buscá-lo!

O hóspede é amigo de Tupã. Quem ofender o estrangeiro ouvirá rugir a trovão!



O estrangeiro foi quem ofendeu a Tupã, roubando sua virgem, que guarda os sonhos da jurema!

Se a virgem abandonou ao guerreiro branco a flor de seu corpo ela morrerá, mas o hóspede de Tupã é sagrado. Ninguém o ofenderá; Arakén o protege!



A raiva de Irapuã não pode mais ouvir-te, velho pajé! Caia ela sobre ti se ousares subtrair o estrangeiro à vingança dos tabajaras!



As iras de Tupã te esmagarão!

Neste momento,
tupã não é
contigo!

Então auge seu trovão,
e treme em teu seio,
guerreiro, como a terra
em sua profundidade.



Arakén, proferindo essas palavras terríveis
avançou até o meio da cabana; ali ergueu
a grande pedra, e calcou o pé com força no
chão...



Súbito abriu-se a terra. Do antro profundo saiu
um medonho gemido, que parecia arrancado das
entranhas do rochedo...

O senhor do trovão
é por ti, mas o senhor
da guerra será
por Irapuã!



O tórvo guer-
reiro deixou
a cabana;
com pouco
seu grande
vulto mergu-
lhau-se nas
sombas do
crepúsculo...

O dia enegreceu; era noite já. No meio da cabana, entre as ridas armadas em quadro, estendeu Iracema a esteira de camaúba, e sobre ela serviu os restos de caça, e a provisão dos vinhos da última lua. O pajé traga as baforadas de fumo da erva de Tupã. De repente, levanta-se no ressonar da noite um grito vibrante, que remonta ao céu,...

Iracema escutou cantar a gaivota?

Iracema escutou o grito de uma ave que ela não conhece.

O canto da gaivota é o grito de guerra do valente Poti, irmão de Jacaúna, amigo de teu hospede. E dele o anúncio de que se acha perto para me salvar.

O estrangeiro está salvo, mas os irmãos de Iracema vão morrer porque ela não falará.

Cuidou Iracema que Poti vinha à frente de seus guerreiros para livrar o amigo. Fôra ele, sem dúvida, que fizera retroar o búzio das praias, no momento do combate. Martim, nesse momento pusera-se em pé e encaminhou-se para a porta...

Despede essa tristeza de tua alma. O estrangeiro, partindo-se de teus campos não deixará neles rasto de sangue. Martim vai ao encontro de Poti!

Mas... o hospede de Araken não pode sair da cabana porque os guerreiros de Irapuã o matarão!

Um guerreiro só pede proteção a Deus e às armas. Não carece que o defendam os velhos e as mulheres.

Que vale um guerreiro só contra mil guerreiros? Valente e forte é o tamanduá, que os gatos selvagens mordem por serem muitos, e o acabam!

Tuas armas só chegam até onde mede a sombra de teu corpo, as armas deles voam alto e direito como o anajê. Iracema irá ao encontro do chefe Potiguara e trará a seu hospede as falas do guerreiro amigo.



Avança a filha de Arakén nas trevas; pára e escuta. O grito da gaiivota terceira vez ressoa e seu ouvido; vai direito ao lugar de onde partiu; chega à borda de um lago; seu olhar investiga a escuridão, e nada vê do que busca. A voz maviosa, débil como sussurro de colibri, murmura...



Só o eco responde-lhe. Mas a filha de Arakén insiste...

Fendeu-se a lisa face do lago, e um vulto se mostra, que nada para a margem, e surge fora...



Se foi Martim que te mandou, pois que tu sabes o nome de Poti; seu irmão na guerra, tor-na a ele e diz que Poti é' chegou para o salvar.

Voltou Iracema à cabana para transmitir a Martim a mensagem de Poti. Porém a virgem adverte o estrangeiro...



Mas, em meio do caminho, os olhos de Iracema viram as sombras de muitos guerreiros, que rojavam pelo chão como a intanha!

Quase logo, a porta entretecida dos talos da carnoúba foi aberta por fora. Caubi entrou...



O cauim perturbou o espírito dos guerreiros; eles vêm contra o estrangeiro.

Decorreu breve trato. Ressoa perto o esturbo das guerreiras tabajaras, excitadas com as copiosas libações do espumante cauim...





Tupã salvará
seu hóspede.
Vem!

Enquanto lá fora re-
gavam cada vez mais
fortes as vozes de Ira-
puã e seus companhei-
ros, Iracema faz Cau-
bi ficar de guarda à
porta, e convida Mar-
tim a segui-la no antro
aberto ao centro da
cobana...

Iracema é o cristão, perdidos nos entranhos da ter-
ra, descem a gruta profunda. Súbito, uma voz que
vinha reboando pela crasta, encheu seus ou-
vidos...

O guerreiro do mar
escuta a
fala de seu
irmão?

É Poti, o
amigo, de
teu hóspe-
de!



Sim, era a voz do valen-
te Poti que continuava
falando do outro lado
da caverna...

Poti fala. Antes
que o sol se levan-
te na serra, o
guerreiro do mar
deve partir para
as margens do rio
das garças. A
inúbia de Poti con-
terá os guerreiros
de Irapuã.



Quantos
guerreiros
acom-
panham
o chefe
Poti?

Poti veio só,
segundo o
rasto de seu
irmão branco.
Foi a inúbia
de Poti que
zombou de
Irapuã quando
cem tabajaras
cercavam o
guerreiro branco
na floresta.



A virgem de Tupã tinha seu pensamento; ela
queria, mais do que ninguém, salvar Martin...

Valente é o hóspede de Arakén;
mas Irapuã é manhoso e traícoei-
ro como a acanã. Antes que o
guerreiro branco chegue à
floresta, cairá, e Poti
cairá com ele.



A lua das flores vai nas-
cer. É o tempo da festa
em que os guerreiros
tabajaras passam a noite
no bosque sagrado, e
recebem do pajé os sonhos
alegres. Quando estiverem
adormecidos, o guerreiro
branco poderá deixar, sem
receio, os campos de Ipu.



Martim transmitiu a
Poti o pensamento de
Iracema; o chefe pi-
tiguoro, prudente co-
mo o tamandua, pen-
sou e respondeu...

A sabedoria
falou pela
boca da vir-
gem tabaja-
ra. Poti
espera o
nascimento
da lua.



A filha do Arakén abandonava assim a cabana do pajé, para não se separar de Martim, que ela amava...

Entretanto, os fugitivos, que desconhecem o perigo iminente, ouvem o latido de um cão. Poti solta o grito de alegria...

O cão de Poti guia os guerreiros de sua taba, em socorro do guerreiro branco!



O rouco búzio dos pitiguaras estruge pela floresta. O grande Jacaúna, senhor das praias do mar, chegava do rio das garças com seus melhores guerreiros...



No mesmo momento surge Irapuã com os seus...



Os pitiguaras recebem o primeiro ímpeto do inimigo nas pontas erigidas de suas flechas, que eles despedem do arco aos molhos, como o coadun dos espinhos de seu corpo. Logo após soar a paz, estreita-se o espaço, e a luta se trava face a face...

Jacaúna e Irapuã medem-se e investem. Quando os dois tacapes se encontram, a batalha tódá estremece, como um só guerreiro, até às entranhas...

Jacaúna é um grande chefe, seu colar de guerra dá três voltas em seu peito. O tabajara pertence ao guerreiro branco.



O grande chefe cede o seu lugar ao guerreiro branco. Renhiu-se o combate entre Irapuã e Martim...



... Mas a espada do cristão, batendo na clava do selvagem, fêz-se em pedaços. O chefe tabajara avançou contra o peito inerte do adversário...



Iracema silvou como a boicininga e arrastou-se contra a fúria do guerreiro tabajara. A arma rígida tremeu na dextra possante do chefe e ele caiu desfalecido.



Saía a pacema da vitória. Perseguidos pelos pitiguaras, os guerreiros tabajaras deixaram o campo de batalha em precipitada carreira...



Poti voltou de perseguir o inimigo. Seus olhos se encheram de alegria, vendo salvo o guerreiro branco. Japi, o fiel cão de Poti, segue-o de perto, lambendo nos pêlos do focinho a margem do sangue tabajara, de que se fartara...

Fôra Japi quem salvara Martim, trazendo ali com tanta diligência os guerreiros de Jaúcaína...



Mas... os olhos de Iracema, estendidos pela floresta, viram o chão juncado de cadáveres de seus irmãos. Aquêlê sangue que enrubescia a terra era o mesmo sangue brioso que lhe ardia nas faces de vergonha. O pranto orvalhou seu lindo semblante...



Martim afastou-se para não envergonhar a tristeza de Iracema...

O sol deitou-se e de novo se levantou no céu. Martim, Iracema e Poti seguiram os guerreiros pitiguaras, que tomaram para as margens alegres do rio onde bebiam as gargas. Entre as palmeiras se erguiu a grande taba dos senhores das praias...

Ali nasceu teu irmão Poti.





Três sois havia que Martim e Iracema estavam: nas terras dos Potiguaras, senhores das margens de Camucim e Acaracú. Os estrangeiros tinham sua rede na vasta cabana de Jacaúna. O valente chefe guardou para si o prazer de hospedar o guerreiro branco.

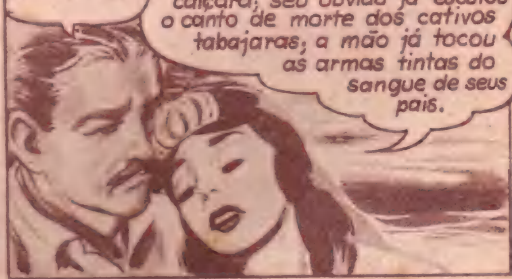
A sombra da noite já se retirou da face da terra; Martim, porém, viu que outra sombra se havia formado na face da esposa, desde o dia do combate.

A tristeza mora na alma de Iracema.



Por que chora a filha dos tabajaras?

Esta é a taba dos potiguaras, inimigos de seu povo. A vista de Iracema já conheceu o crânio de seus irmãos espetado na caçara; seu ouvido já escutou o canto de morte dos cativos tabajaras; a mão já tocou as armas tintas do sangue de seus pais.



Volte o sossêgo ao seio da filha dos tabajaras; ela vai deixar a taba dos inimigos de seu povo.



O cristão dirigiu-se a Jacaúna. O grande chefe alegrou-se vendo seu hóspede; mas a alegria fugiu logo de sua fronte quando Martim lhe participou sua partida. Presenteou o guerreiro branco e desejou-lhe boa viagem. Poti chegou; sabendo que o jovem ia partir, disse...

Teu irmão te acompanha.



José de Alencar IRACEMA

O guerreiro do mar deixava os margens do rio das garças, e caminhava para as terras onde o sol se deita. A esposa e o amigo seguem sua marcha. Passam além da fértil montanha, onde a abundância dos frutos criava grande quantidade de moscos, de que lhe veio o nome de Meruoca...

Expira o dia.
Os viajantes
dormem em
Urubureta-
ma...

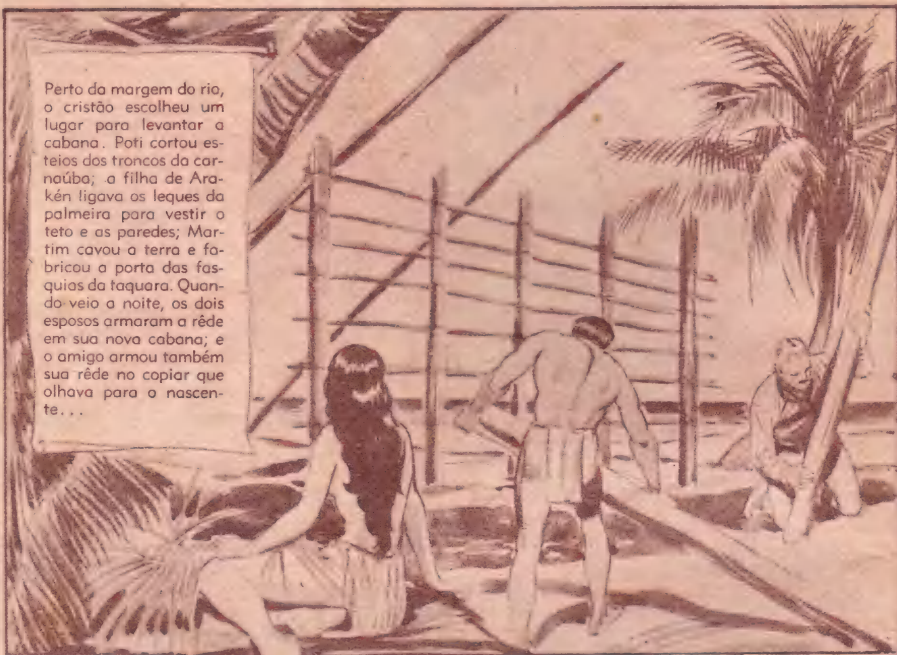
Perlangando as frescas margens, viu Iracema no seguinte sol os verdes mares e alvas praias, onde as ondas murmurasas soluçam às vészes e outras raiavam de fúria rebentando em frocos de espuma. A filha dos tabajaras apinhava conchas mimosas para ornar seu colo...

Os olhos do guerreiro branco se dilataram pela vasta imensidade; seu peito suspirou. Esse mar beijava também as brancas areias de Potengi, seu berço natal, onde ele vira o luz americana...

Estas praias são alegres, e ainda mais serão quando Iracema nelas habitar. Que diz teu coração?

O coração da esposa está sempre alegre junto de seu guerreiro e senhor.

Perto da margem do rio, o cristão escolheu um lugar para levantar a cabana. Poti cortou esteios dos troncos da carnaúba; a filha de Arakén ligava os leques da palmeira para vestir o teto e as paredes; Martim cavou a terra e fabricou a porta das faguas da taquara. Quando veio a noite, os dois esposos armaram a rede em sua nova cabana; e o amigo armou também sua rede no copiar que olhava para o nascente...



Quatro luas tinham alumado o céu depois que Iracema deixara os campos do Ipu; e três depois que ela habitava nas praias do mar a cabana de seu esposo...



A alegria morava em sua alma. A filha dos serões era feliz, como a andorinha, que abandona o ninho no país onde começa a estação das flores. Também Iracema achava ali nas praias um ninho de amor, nova pátria para seu coração. Como o colibri borboleteando entre as flores da acácia, ela discorria as amenas campinas. A luz da manhã já a encontrava suspensa ao ombro do esposo e sorrindo...

Martim partia para a caça com Poti. Iracema separava-se dele então, para sentir ainda mais ardente o desejo de vê-lo...



1. José de Alencar IRACEMA

Peria havia uma formosa lagoa no meio de verde campina. Os guerreiros pitiguaras, que apareciam por aquelas paragens, chamavam a essa lagoa Porangaba, ou lagoa da beleza, porque nela se banhava Iracema, a mais bela filha da raça de Tupã...



Para lá, todas as manhãs, Iracema volvia o ligeiro passo. Era a hora do banho; atirava-se à água, e nadava com as garças brancas e as vermelhas jaçanãs...



Depois do banho Iracema aguardava Martim de volta da caça. Certa manhã o guerreiro branco e o pitiguara viram-na de longe. Caminhava para eles com o passo altivo da garça que passeia à beira d'água. Por cima da carioba trazia uma cintura de flores de maniva, que era o símbolo da fecundidade. Travou da mão do espôso, e a impôs no regaço...



Teu sangue já vive no seio de Iracema. Ela será mãe de teu filho.

Filho, dizes tu?



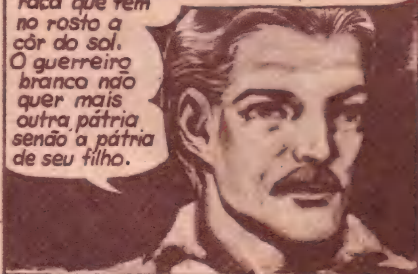
Cingindo-a com os braços, beijou a esposa...



A felicidade do mancebo é a esposa e o amigo. O guerreiro sem a esposa é como a árvore sem flores; sem amigo é como a árvore solitária. A felicidade do varão é a prole. Amado de Tupã é o guerreiro que tem, uma esposa, um amigo e muitos filhos.



O coração do amigo falou, pela boca de Poti. O guerreiro branco é feliz; a felicidade nasceu para ele na terra das palmeiras e foi gerada no sangue da raça que tem no rosto a cor do sol. O guerreiro branco não quer mais outra pátria, sendo a pátria de seu filho.



Então Poti, no cortume de sua raça, traçou no peito de Martim as cores e os emblemas de um grande chefe de Tupã...



Como a cobra que tem duas cabeças em um só corpo, assim é o amizade do guerreiro branco e Poti.

Poti dá a seu irmão o arco e o tacape, que são as armas nobres do guerreiro.



E Iracema dá ao guerreiro branco o nome de Coatiabo.

Tu disseste, eu sou o guerreiro pintado, o guerreiro da esposa e do amigo.

A filha de Arakén foi apanhar no interior da cabana as iguarias do festim e os vinhos de genipapo e mandioca. Os guerreiros beberam copiosamente e trançaram as danças alegres. Entrou a noite alumiada, pelas fogueiras em torno das quais ressoavam as canções...

Alegria ainda morou na cabana todo o tempo que os espigas de milho leram a amarelecer. Uma alvorada caminhava a cristão pela borda do mar. Sua alma estava cansada. O colibri sacia-se de mel e perfume; depois adormece em seu ninho, até que volta no outro ano a lua das flores. Como o colibri, a alma do guerreiro também sacura-se de felicidade, e carece de sono e repouso. A caça e as excursões pela montanha em companhia do amigo, as carícias da terna esposa que o esperavam na volta, e o doce carbeto no copiar da cabana, já não acordavam nêle as emoções de outrora. Seu coração ressonava. Certo dia os olhos de Martim viram um barco de muitos velas, como construíam seus irmãos; e a saudade da pátria apertava-lhe no seio...



Poti deixou a serenidade na fronte de seu irmão, quando partiu; nela acha agora a tristeza.

A igara do branco tapuia passou no mar, voa para as margens do Mearim, onde estão os inimigos da tua e da minha raça.



Poti é senhor de mil arcos. Que seu irmão ordene e êle o acompanhará com seus guerreiros às margens do Mearim para vencer o tapuitinga e seu aliado, o perdido tupinamba.

Quando fôr tempo, teu irmão o dirá.



Chegou das margens do rio das garças um guerreiro pitiguara, mandado por Jacaúna a seu irmão Poti. Ele veio seguindo o rastro dos viajantes até a Trairi, onde os pescadores o guiaram...

O tapuitinga, que estava no Mearim, veio pelas matas até o princípio da Ibiapaba, onde fez aliança com Irapuá. Eles vão descer as margens do rio das garças onde tu levantas a taba de teus guerreiros. Jacaúna te chama para defender os campos de nossos pais.

Volta às margens do Acaraçu e teu pé não descanse enquanto não pisar o chão da cabana de Jacaúna. Quando aí estiveres, diz ao grande chefe: "Teu irmão é chegado à taba de seus guerreiros." — E tu não mentiras.



O mensageiro partiu. Poti vestiu suas armas, e caminhou para a várzea, guiado pelo passo de Coatiabo. Ele o encontrou muito além, vagando entre os canaviais que bordam as margens de Aquiraz...

O branco tapuia está na Ibiapaba para ajudar os tabajaras a combater contra Jacaúna. Teu irmão corre a defender a terra de seus filhos, e a taba onde dorme o camocim de seu pai.

Teu irmão parte contigo. Nada separa dois guerreiros amigos quando troa a inúbia da guerra.



E os dois logo partiram para as bandas do nascente. O cristão parou de repente e voltou o rosto para as bandas do mar; a tristeza saiu de seu coração e subiu à frente...

Teu pé criou raiz na terra do amor, fica, Poti voltará breve.

Teu irmão te acompanhará. Sua palavra é como a seta de teu arco: quando soa, é chegada. Mas ele se aflige porque a filha dos tabajaras pode ficar triste e abandonar a cabana, sem esperar por sua volta.



Poti refletiu. Da aljava de setas que Iracema emplumara de penas vermelhas e pretas, e suspendera aos ombros do espôso, tirou uma...



O chefe pitiguara vibrou o arco; a seta rápida atravessou um goiámu que discorria pela margem do lago...

Fincou o guerreiro no chão a flecha, com a pena atravessada, e tornou para Coatiabo...

Podes partir. Iracema seguirá teu rastro; chegando aqui, verá tua seta e obedecerá à tua vontade.



Martim sorriu. E quebrando um ramo de maracujá, a flor da lembrança, entrelaçou-a na haste da seta, e partiu seguido por Poti. Breve desapareceram os dois guerreiros entre as árvores...



O calor do sol já tinha secado os passos dos guerreiros na beira do lago, quando Iracema inquieta veio pela várzea seguindo o rasto do esposo até o taboleiro. Seus olhos viram a seta do esposo fincada no chão, o goiámu transpassado, o ramo partido, e encheram-se de pranto...

Ele manda que Iracema ande para trás, como o guaiamu, e guarde sua lembrança, como o maracujá guarda sua flor todo o tempo até morrer.



Desde então à hora do banho, em vez de buscar a lagoa da beleza, onde outrora tanto gostava de nadar, caminhava para aquela, que vira seu esposo abandoná-la. Sentava-se junto à flecha, até que descia a noite. Depois recolhia à cabana...



Triste e só, como se achava, a lembrança da pátria, apagada pelo amor, ressurgiu em seu pensamento. Viu os formosos campos do Ipu; os encostos da serra onde nascera, a cabana de Arakén, e teve saudades. Mas naquele instante, ainda não se arrependeu de os ter abandonado...



Uma tarde Iracema viu de longe dois guerreiros que avançavam pelas praias do mar. Seu coração palpitou mais apressado...



Martim e seu irmão haviam chegado à taba de Jacaúna, quando soava a inúbia. Eles guiaram ao combate os mil arcas de Poti. Ainda desta vez os Tabajaras, apesar da aliança dos brancos tapuias do Meirim, foram levados de vitória pelos valentes pitiguaras. Após a vitória o cristão tornou-se a praias do mar, onde havia construído a sua cabana, e onde o esperava a terra espôsa...

Passam-se muitas luas e sóis. O cristão amava a filha do sertão, como nos primeiros dias. Mas o imbu, filho da serra, se nasce na várzea, vinga achando boa a terra e fresca a sombra. Mas basta um sopro do mar, para que murche. Como o imbu era o coração de Martim. O amigo e a espôsa não bastavam mais à sua existência aventureira. Passava agora os longos sóis na prola, com os olhos engolfados na imensidade do horizonte...



Distante da cabana, se elevava à borda do oceano um alto morro de areia. A esse morro subia o cristão. Vinha-lhe à mente a idéia de tornar à sua terra e aos seus; mas ele sabia que Iracema o acompanharia...

Iracema também foge dos olhos do espôso, porque já percebeu que esses olhos tão amados se turbam com a vista dela e, em vez de se encherem de beleza, como outrora, a despedem de si...



Uma vez o cristão ouviu dentro em sua alma o soluço de Iracema...

O que espreme as lágrimas do coração de Iracema?

Iracema perdeu sua felicidade, depois que te separaste dela.



Martim doeu-se. Os grandes olhos negros que Iracema pousara nêle o tinham ferido no intimo...

O guerreiro branco é teu espôso; êle te pertence.

Dantes teu passo te guiava para as frescas serras; teu pé gostava de seguir o rasto da espôsa. Agora só buscas as praias, porque o mar que lá murmura vem dos campos onde nasceste, e o morro das areias, porque do alto se avista a igara que passa.



Quando teu filho deixar o seio de Iracema ela morrerá como o abati depois que deu seu fruto. Então o guerreiro branco não terá mais quem o prenda na terra estrangeira.

A tristeza amarga o lábio de Iracema. Mas a alegria há de voltar à alma da espôsa.



Martim cingiu o talhe da formosa filha de Arakén, e o estreitou ao peito. Seu lábio pousou no lábio da espôsa um beijo, mas êsse beijo foi áspero e morno. A ânsia pelos seus e o espírito de aventura do guerreiro eram profundos sentimentos em sua alma. A saudade crescia em seu peito. Um dia, do alto do morro de areia, Martim viu um grande navio sulcando o mar...



Na mesma hora, Poti voltou do banho. Segue na areia o rastro de Martim, e sobe ao alto do monte de areia. Ali encontra o guerreiro branco em pé no cabeço do promontório, com os olhos alongados e os braços estendidos para o oceano...

Poti encara Coatiabo, e pergunta comovido...

É a grande igara dos irmãos de meu irmão, que vem buscá-lo?

São os guerreiros brancos inimigos de minha rapa, que buscam as praias da nação pitiguara, para a guerra da vingança. Eles foram derrotados com os tabajaras nas margens do Camocim; agora vêm com seus amigos tupinambás pelo caminho do mar.



Meu irmão é um grande chefe. Que pensa êle que deve fazer Poti?

Chama os caçadores de Soipé e os pescadores de Traini. Nós iremos a seu encontro.



José de Alencar IRACEMA

Poti acordou a voz da inúbia; e os dois amigos partiram para o Mocaripe. Pouco além viram os guerreiros de Jaguaraguá e Camoropim, que corriam ao grito da guerra. O irmão de Jacaúna os avisou da vinda do inimigo...

Entretanto o grande navio corre nas ondas, ao longo da terra que se dilata até às margens da Paraiaba...



Os guerreiros pitiguaras, para não espantarem o inimigo, se ocultam entre os cajueiros; e vão seguindo pela praia a grande igara. Muitos sós caminham assim. Passam a Camocim, e afinal pisam as lindas ribeiras da enseada dos papagaios...



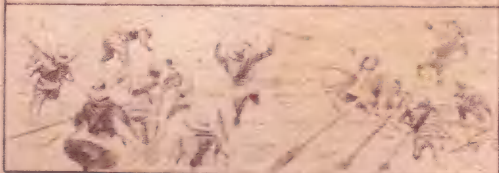
Ali se abriga o navio. De bordo partem ligeiros botes com guerreiros inimigos em seu bôjo. Martim dispõe os defensores no alto dos coqueiros...



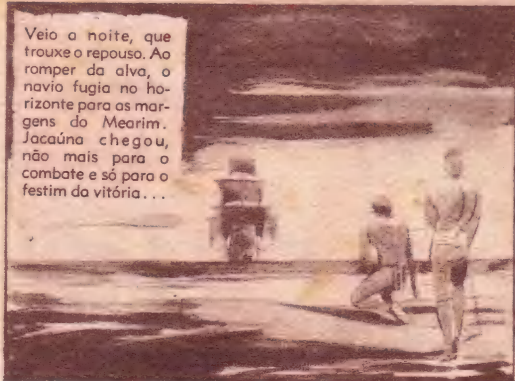
Mas nação alguma jamais vibrou o arco certo, como a grande nação pitiguara...



E cada guerreiro inimigo tomba crivado de muitas flechas...



Veio a noite, que trouxe o repouso. Ao romper da alva, o navio fugia no horizonte para as margens do Mearim. Jacaúna chegou, não mais para o combate e só para o festim da vitória...



Nessa hora, em que o canto guerreiro dos pitiguaras celebrava a derrota dos guaraciabas, o primeiro filho, que o sangue da raça branca gerou nesta terra da liberdade, via a luz nos campos da Porangaba...



A jovem mãe, orgulhosa de tanta ventura, tomou o tenro filho nos braços e, com ele, arrojou-se às águas límpidas do rio. Depois suspendeu-o, aleitou-o e envolveu-o com seus olhos cheios de tristeza e amor...

Tu és Moacir, o nascido de meu sofrimento.



De volta à cabana, a recente mãe pousou a criança adormecida na rede; e deitou-se na esteira. A luz da manhã entrava pela cabana, e Iracema viu entrar com ela a sombra de um guerreiro...

Caubi!



De ímpeto, a esposa de Martim tomou do arco para defender o filho...

Não foi a vingança que arrancou Caubi aos campos dos tabajaras; ele já perdoou. Foi a vontade de ver Iracema; a que trouxe consigo toda a alegria.



Então benvindo seja o guerreiro Caubi à cabana de seu irmão.

Iracema abriu a franja de penas e mostrou a criança...

Os olhos de Caubi sorriram ao contemplarem o filho de Martim, que dormia...

O nascido de teu seio é o teu contentamento. Mas... depois da tua partida dos campos tabajaras, a cabeça do velho Arakén vergou para o peito e nunca mais se ergueu.

Tu lhe dirás que Iracema já morreu, para que ele se console.



Com estas palavras, a irmã de Caubi curvou a fronte. Os lábios suspirosos da mísera moveram-se, como os pétalos do cacto que um sopro amarrota, e ficaram mudos. As lágrimas debulharam dos olhos e caíram em bagos...

A voz do tabajara enrouquecera. Seu passo inquieto voltou a esmo pelo cabana. O guerreiro anuviou-se...

Dize onde está teu espôso para que Caubi lhe dê o abraço da amizade; e saber de seu irmão o que ele fez do sorriso que morava em teus lábios.

Caubi vai tornar às montanhas dos tabajaras e nada mais perguntará a sua irmã.



Tu despedes teu irmão da cabana para que ele não veja a tristeza que a enche. Caubi partirá quando a sombra deixar o rosto de Iracema.



Como a estrela que só brilha de noite, vive Iracema em sua tristeza. So os olhos do espôso podem apagar a sombra em seu rosto. Parte para que eles não se turvem com tua vista.

Teu irmão parte para te fazer a vontade; mas ele voltará todas as vezes que o cajueiro florescer para sentir em seu coração o filho de teu ventre.



Iracema tirou da rede a criança; e ambos, mãe e filho, palpitarão sobre o peito do guerreiro tabajara. Depois, Caubi passou a porta e sumiu-se entre os árvores. Iracema dissolveu a alva carimã e preparou o mingau para nutrir o filho...



Descamba o sol. Japi sai do mato e corre para a porta da cabana...



Vendo o animal, a esperança reanima o coração de Iracema; quer erguer-se para ir ao encontro de Martim, mas os membros débeis se recusam à sua vontade...



Caíu desfalecida. Japi lambia-lhe a mão fria, e pulava travêso, saltando latidos. Depois, o pobre reanimou-se e voltou à cabana...

Por esse tempo pisava Martim os campos amarelos do Tanapê; seu irmão Poti, o inseparável, caminhava a seu lado. Oito luas havia que ele deixara as praias de Jacarêcanga. Vencidos os guaraciabas, na baía dos papagaios, o guerreiro cristão quis partir para as margens do Mearim, onde habitava o bárbaro aliado dos tupinambás...



Poti e seus guerreiros o acompanharam. Depois transpuseram o braço corrente do mar que vem da serra de Tanatinga e banha as várzeas onde se pesca o piaú; viram enfim as praias do Mearim, e a velha taba do bárbaro tapuia.



A raça de cabelos do sol cada vez ganhava mais a amizade dos tupinambás; crescia o número dos guerreiros brancos, que já tinham levantado na ilha a grande itaoca, para despedir o raio...



Quando Martim viu o que desejava, tornou os campos da Porangaba, que ele agora trilha. Já ouve o ronco do mar nas praias do Mocoripe; já lhe bafeja o rosto o sôpro vivo das vagas do oceano. Quanto mais seu passo o aproxima da cabana, mais lento se torna, e pesado. Tem medo de chegar: Sente que sua alma vai sofrer, quando os olhos tristes e magoados da esposa, entrarem nela. Há muito que a palavra desertou do seu lábio seco; o amigo respeita este silêncio, que ele bem entende. E o silêncio do rio quando passa nos lugares profundos e sombrios...

Tanto que os dois guerreiros tocaram as margens do rio, ouviram o latir do cão a chamá-los. O cristão parou calcando a mão no peito para soffrear o coração, que saltava como um poraquê...



O cristão moveu o passo vacilante. De repente, entre os ramos das árvores, seus olhos viram, sentada à porta da cabana, Iracema com o filho no regaço, e o cão a brincar. Seu coração o arrojou de um ímpeto, e a alma lhe estalou nos lábios...



Ao desmaiar, na clareira, sentiu Iracema que seu fim estava próximo. Voltara à consciência passado tempo. Arrastara-se para a cabana e apanhara o filho. Assim a encontrara Martim...

A triste espósa e mãe só abriu os olhos, ouvindo a voz amada. Com esforço grande pôde erguer o filho nos braços, e apresentá-lo ao pai, que o olhava estático em seu amor...

Recebe o
filho de
teu sangue.



Era tempo, meus
seios ingratos
já não tinham
alimento
para dar-lhe!



Pousando a criança nos braços paternos, a desventura da mãe desfaleceu, como a jetica, se lhe arrancam o bulbo...



O espóso viu então como a dor tinha consumido seu belo corpo; mas a formosura ainda morava nela, como o perfume na flor caída da manacá...



José de Alencar IRACEMA

Iracema não se ergueu mais da rede onde a pousaram os braços aflitos de Martim...

Enterra o corpo de tua esposa ao pé do coqueiro que tu amavas. Quando a vento do mar soprar nas fôlhas, Iracema pensará que é tua voz que fala entre seus cabelos.



O doce lábio emudeceu para sempre. O último lampejo despediu-se dos olhos baços. O camocim, que recebeu o corpo de Iracema, embebido em resinas odoríferas, foi enterrado ao pé do coqueiro, à borda do rio. Martim quebrou um ramo de murta, a fôlha da tristeza, e deitou-o no jazigo de sua esposa. A jandaia pousada no ôlho da palmeira repetia tristemente: "Iracema!" Desde então os guerreiros pitiguaras que passavam perto da cabana abandonada, e ouviam ressoar a voz plangente da ave amiga, afastavam-se, com a alma cheia de tristeza, do coqueiro onde cantava a jandaia. Foi assim que um dia veio a chamar-se Ceará o rio onde crescia o coqueiro, e os campos onde serpeja o rio.



O cajueiro floresceu quatro vêzes depois que Martim partiu das praias do Ceará, levando o filho e o cão fiel. A jandaia não quis deixar a terra onde repousava sua amiga e senhora...



O PRIMEIRO CEARENSE, AINDA NO BERÇO, EMIGRAVA DA TERRA DA PÁTRIA. HAVIA AÍ A PREDESTINAÇÃO DE UMA RAÇA?

Poti levantava a taba de seus guerreiros na margem do rio, e esperava o irmão que lhe prometera voltar.



José de Alencar IRACEMA

Afinal volta Martim. Muitos guerreiros de sua raça acompanharam o chefe branco, para fundar com ele a mairi dos cristãos. Veio também um sacerdote de sua religião, de negras vestes, para plantar a cruz na terra selvagem. Poti foi o primeiro que ajoelhou aos pés do sagrado lenho; não sofria ele que nada mais o separasse de seu irmão branco. Deviam ter ambos um só coração. . . Jacaúna veio habitar nos campos de Porangaba, para estar perto de seu amigo branco. . .

Voltando de novo às terras que foram de sua felicidade, e são agora de amarga saudade, seu pé sentiu o calor das brancas areias, mas em seu coração derramou-se um fogo, que o requemou; era o fogo das recordações que ardiam como a centelha sob as cinzas. Só aplacou essa chama quando ele se ajoelhou sobre a terra onde dormia sua esposa; porque nesse instante seu coração transudou, como o tronco do jatá nos ardentes calores, e orvalhou sua tristeza de lágrimas abundantes.

A jandaia cantava ainda no olho do coqueiro; mas não repetia já o mavioso nome de Iracema. Tudo passa sobre a terra. . .

FIM

Argumento Histórico

— Em 1603, Pero Coelho, homem nobre da Paraíba, partiu como capitão-mór de descoberta, levando uma força de 80 colonos e 800 índios. Chegou à foz do Jaguaribe e aí fundou o povoado que teve o nome de *Nova Lisboa*.

Foi esse o primeiro estabelecimento colonial do Ceará.

Como Pero Coelho se visse abandonado dos sócios, mandaram-lhe João Soromenho com socorros. Esse oficial, autorizado a fazer cativos para indenização das despesas, não respeitou os próprios índios de Jaguaribe, amigo dos Portugueses.

Tal foi a causa da ruína do nascente povoado. Retiraram-se os colonos, pelas hostilidades dos indígenas; e Pero Coelho ficou ao desamparo, obrigado a voltar à Paraíba por terra, com sua mulher e filhos pequenos.

Na primeira expedição foi do Rio Grande do Norte um moço de nome Martim Soares Moreno, que se ligou de amizade com Jacaúna, chefe dos índios do litoral e seu irmão Poti. Em 1608, por ordem de D. Diogo de Meneses, voltou a dar principio à regular colonização daquela capitania: o que levou a efeito, fundando o presídio de Nossa Senhora do Amparo em 1611.

Jacaúna, que habitava as margens do Aca-racú, veio estabelecer-se com sua tribo nas proximidades do recente povoado, para o proteger contra os índios do interior e os franceses que infestavam a costa.

Poti recebeu no batismo o nome de Antônio Felipe Camarão, que ilustrou na guerra holandesa. Seus serviços foram remunerados com o fôro de fidalgo, a comenda de Cristo, e o cargo de capitão-mór dos índios.

Martim Soares Moreno chegou a mestre de campo, e foi um dos excelentes cabos portugueses que libertaram o Brasil da invasão holandesa. O Ceará deve honrar sua memória como a de um prestante e seu verdadeiro fundador, pois que o primeiro povoado à foz do rio Jaguaribe não passou de uma tentativa frustrada.

Este é o argumento histórico da lenda; em notas especiais se indicará alguns outros subsídios recebidos dos cronistas do tempo.

Há uma questão histórica relativa a este assunto: falo da pátria do Camarão, que um escritor pernambucano quis pôr em dúvida, tirando a glória ao Ceará para a dar à sua província.

Este ponto, aliás somente contestado nos tempos modernos pelo Sr. comendador Melo em suas *Biografias*, me parece suficientemente elucidado já, depois da erudita carta do Sr. Basílio Quares-

ma Torreão publicada no *Mercantil* n.º 26 de 26 de janeiro de 1860, 2.ª página.

Entretanto farei sempre uma observação.

Em primeiro lugar a tradição oral é uma fonte importante da história, e às vezes a mais pura e verdadeira. Ora na província do Ceará, em Sobral, não só referiam-se entre gente do povo notícias do Camarão, como existia uma mulher que se dizia dêle sobrinha. Essa tradição foi colhida por diversos escritores, entre eles o conspícuo autor da *Corografia Brasileira*. O autor do Valeroso Lucideno é, dos antigos, o único que positivamente afirma ser Camarão filho de Pernambuco; mas além de encontrar este asserto a versão de outros escritores de nota, acresce que Berredo explica perfeitamente o dito daquele escritor, quando fala da expedição de Pero Coelho de Sousa a Jaguaribe, *situa naquele tempo e também no de hoje da jurisdição de Pernambuco*.

Outro ponto é necessário esclarecer, para que não me censurem de infiel à verdade histórica. É a nação de Jacaúna e Camarão que alguns pretendem ter sido a tabajara.

Há nisso manifesto engano.

Em todas as crônicas se fala das tribos da Jacaúna e Camarão, como habitantes do litoral e tanto que auxiliam a fundação do Ceará como já haviam auxiliado a da Nova Lisboa em Jaguaribe. Ora, a nação que habitava o litoral entre o Parnaíba e o Jaguaribe ou Rio Grande, era a dos Pitiguara, como atesta Gabriel Soares. Os Tabajaras habitavam a serra de Ibiapaba, e portanto o interior.

Como chefes dos Tabajaras são mencionados Mel Redondo no Ceará e Grão Diabo em Piauí. Esses chefes foram sempre inimigos irreconciliáveis e rancorosos dos portugueses, e aliados dos franceses do Maranhão, que penetraram até Ibiapaba. Jacaúna e Camarão são conhecidos por sua aliança firme com os portugueses.

Mas o que solve a questão é o seguinte texto. Lê-se nas *memórias diárias da guerra brasileira do conde de Pernambuco*: — “1834, janeiro, 18. — Pelo bom procedimento com que havia servido A. Ph. Camarão o fêz El-rei capitão-mór de todos os índios não somente de sua nação, que era Pitiguara, mas das outras residentes em várias aldeias”.

Esta autoridade, além de contemporânea, testemunhal, não pode ser recusada, especialmente quando se exprime tão positiva e intencionalmente a respeito do ponto duvidoso.

JOSÉ DE ALENCAR

Quem foi JOSÉ de ALENCAR

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 4)

natal, que ele conhece perfeitamente, e o tipo do vaqueiro que ama em silêncio a filha do seu pai e que procura, com uma raiva íntima, afastar todos aqueles que ela possa amar, está traçado com vigor.

José de Alencar foi à Europa em 1876. Voltando ao Brasil, foi inesperadamente colhido pela morte no ano de 1877, quando acabava de completar 48 anos, e quando se achava, portanto, na força da vida. Seu falecimento enlutou a literatura brasileira, e aqueles mesmos que tinham combatido “Sênio”, pseudônimo querido de José de Alencar, foram os primeiros a render homenagem ao grande vulto, logo que ele desapareceu da cena pública.

Elucidário de JOSÉ de ALENCAR

ABATI — Arroz.

ACANÃ — Espécie de gavião.

ACARACU — Significa rio, ou ninho, das garças.

ANAJÉ — Gavião.

ANDIRA — Nome de uma espécie de grandes morcegos. — É em alusão ao nome de Andira que Irapuá dirige palavras de desprezo ao velho guerreiro.

ANDIROBA — Árvore de que se extrai um produto oleoso, como o azeite, mas muito amargo.

ANHANGA — Espírito do mal. — O diabo, na língua tupi.

ARACATI — Os selvagens assim chamavam às brisas do mar que sopram regularmente ao cair da tarde e correndo pelo vale do Jaguaribe se derramam pelo interior e o refrigeram da calma abrasadora do sertão. Daí resultou chamar-se Aracati o lugar de onde vinha a monção.

ARAXÁ — Planalto. chapada ou chapadão.

BOICININGA — Cobra cascavel.

CAMOCIM — O mesmo que Camotim. Grande pote de barro onde algumas tribos indígenas metiam cadáveres para os enterrar.

CARBETO — Espécie de serão que faziam os índios à noite em uma cabana maior, onde todos se reuniam para conversar.

CARIMÁ — Massa de mandioca.

CARIOBA — Camisa de algodão.

CAUIM — Espécie de bebida preparada com a mandioca cozida e fermentada.

COANDU — Cobra cascavel.

COATIABO — O que se deixou pintar.

COLIBRI — Pássaro. O mesmo que Beija-Flor, Pica-Flor ou Chu-pa-Mel.

COPIAR — Varanda, alpendre.

EMA — Avestruz.

EMBOABAS — Nome dado aos portugueses que entravam no sertão em busca das minas.

ENSEADA DOS PAPAGAIOS — É a baía da Jerecoacara. Um dos bons portos do Ceará.

ESTRÉLA MORTA — Assim era chamada a estrela Polar, por causa da sua imobilidade. Por ela se orientavam os selvagens durante a noite.

GRAUNA — Pássaro de cor negra, luzidia.

GUAIAMU — O mesmo que Caranguejo.

GUARACIABAS — "Cabelos de sol". Os europeus de cabelos louros.

IBIAPABA — Serra ao Norte do Piauí. Terra a pique.

IGAÇABA — Vaso, pote, vasilha.

IMBU — Fruta saborosa.

INHAUMA — O mesmo que Anhu-ma: Ave noturna que canta regularmente ao meio da noite.

INTANHA — Sapo.

INÓBIA — Trombeta de guerra.

IPU — Terreno úmido adjacente a pequenos montes, formando várzeas ou vales por onde correm as águas que dos montes derivam.

IRACEMA — Lábios de mel.

IRAPUÁ — O mesmo que Arapud — Nome de uma abelha virulenta e brava. — O guerreiro de que aqui se trata é o célebre Mel-Redondo, chefe dos Tabajaras da serra Ibiapaba; foi encarnado inimigo dos portugueses, e amigo dos franceses.

ITAOCA — Casa de pedra. Fortaleza.

JACARECANGA — Morro na praia do Ceará.

JACAUNA — Jacarandá preto. — Este Jacauna é o célebre chefe, amigo de Martim Soares Moreno.

JAGUARIBE — Este rio tirou o nome da quantidade de onças (jaguars) que povoavam suas margens.

JANDAIA — Periquito grasnador.

JAPI — Significa "nosso pé". O pé da gente.

JETICA — Batata doce.

JUREMA — Árvore pouco alta, de folhagem espessa. Dá um fruto excessivamente amargo, de cheiro acre, do qual, juntamente com as folhas e outros ingredientes, preparavam os selvagens uma bebida entorpecente.

MAIRI — Cidade. Povoado dos brancos.

MANACÁ — Linda flor.

MANGABA — Fruta da mangabeira.

MANIVA — O mesmo que manaiba. Muda de aipim ou mandioca.

MEMBI — Buzina de guerra.

MERUOCA — Serra junto de Sobral, no Ceará.

MOACIR — Filho do sofrimento.

MOCORPE — Morro na enseada do mesmo nome, próximo a Fortaleza.

OCARA — Praça circular que ficava no centro da taba, cercada pela estacada e para a qual abriam todas as casas.

O DIA VAI FICAR TRISTE — Vai anoitecer. Os indígenas tiravam a imagem da tristeza da sombra da tarde, ou do crepúsculo.

OITIBÓ — Ave noturna. Espécie de coruja.

ONDE CANTA A JANDAIA — Diz a tradição que "Ceará" significa, na língua indígena: Canto da Jandaia.

PAJÉ — Chefe espiritualista dos indígenas, misto de sacerdote, profeta e médico-feiticeiro.

PIAU — Peixe, que deu o nome ao Rio Piauí.

PITIGUARA — Tribo de índios que habitava o litoral da província que se estendia do Parnaíba ao Rio-Grande.

POCEMA — Grande alarido que faziam os selvagens nas ocasiões de alegria.

PORANGABA — Significa beleza. Esta lagoa tem hoje o nome de Arronches.

PORAQUE — Peixe do rio, também chamado Peixe-elétrico.

POTENGI — Rio que rega a cidade de Natal.

POTIGUARA — Comedor de camarões. — Nome que por desprezo davam os inimigos aos Pitiguaras, que habitavam as praias e viviam em grande parte da pesca.

QUEBRAR A FLECHA DA PAZ — Era entre os índios a maneira simbólica de estabelecer a paz, entre as tribos ou entre dois guerreiros inimigos.

SAPOPEMA — Raiz que cresce com o tronco, formando em volta dele divisões achatadas, elevando às vezes a dois metros acima do solo.

SOIPE — Lugar onde existe caça.

TABA — Aldeia dos índios.

TABAJARA — Senhor das aldeias. Tribo que dominava o interior da província, especialmente a Serra de Ibiapaba.

TACAPE — Arma dos índios. Espécie de clava.

TAMANDUA — Mamífero que se alimenta de formigas.

TAPUIA — Bárbaro, inimigo.

TAPUITINGAS — Nome que os pitiguaras davam aos franceses para diferenciá-los dos tupinambás, que eram inimigos seus.

TRAIRI — Rio distante algumas léguas do norte da capital do Ceará.

TUPÁ — Denominação tupi do trovão.

TUBINAMBÁS — Indígenas do ramo primitivo da grande raça tupi.

URU — Cestinho que servia de cofre para guardar os objetos de estimação.

URUBURETAMA — Significa ninho de urubus.

Bolso de Menino...

É um pequeno mundo cheio
de encantamento, de pequeni-
nos nadas que fazem a alegria
fácil das crianças.



Principe
VESTE HOJE O HOMEM DE AMANHÃ



*Nas passeios,
no campo,
na praia
e nas cerimônias...*

PRINCIPE
tem a roupa apropriada
para seu filho.

A ETIQUETA FAMOSA

Av. Rio Branco, 06
Av. Rio Branco, 20 - loja
Av. Copacabana, 673